

Retrospectiva 2012



Confira as lutas que marcaram o ano

Sobre ritos, mitos e compromissos

Todos os povos, tanto de organizações mais simples aos de organizações mais complexas, realizam manifestações de acordo com seus respectivos calendários para recordar seus feitos e realizações – com sucessos e dificuldades – a lembrar sempre porque existem, resistem e continuam a sua trajetória. Da mesma forma que os gregos colocavam no teatro, nas artes e na cultura as suas marcas como povo, índios, lapões, esquimós, africanos e cidadãos dos países atuais, cada qual a seu modo, referenciam origens e feitos estabelecendo propósitos que indicam a continuidade fortalecida por ações políticas e realizações culturais.

O ano de 2012, que acabou de terminar, evoca grandes realizações dos movimentos: foi o ano da grande greve dos professores das Instituições Federais de Ensino. Permanecendo mais de quatro meses em greve, os professores deram uma aula de democracia, de organização sindical, confrontaram direções submissas ao governo e dóceis aos interesses patronais; os professores disseram com clareza quem os representa – o ANDES-SN. Sinasefe e Fasubra também foram protagonistas de grandes greves. Demonstrando a percepção da importância do momento político, conjuntamente, professores, técnicos-administrativos e estudantes em greve inseriram na conjuntura um novo patamar de lutas em defesa da educação pública brasileira. Destaque-se que entidades de servidores público federais, de diversas centrais sindicais, conseguiram superar diferenças e se organizaram no Espaço de Unidade e Ação, promovendo marchas memoráveis em Brasília, paralisando suas atividades e obrigando o governo a fazer-lhes concessões. Esses foram grandes feitos dos servidores públicos ao se manifestarem como entidades sindicais comprometidas

com os interesses daqueles que fazem a luta do dia a dia no enfrentamento da conjuntura e na luta pelas transformações estruturais necessárias para o avanço da nossa sociedade.

Em diversos estados, professores organizaram lutas consistentes por seus direitos, pela carreira e pela democracia sindical – fique claro que os governos estaduais maltratam os professores com as mesmas táticas e manobras do governo federal. Grande resistência tem oferecido esses professores e para eles também devem ser oferecidos os lauréis daqueles que lutam pela educação brasileira. Uma notícia alvissareira foi a realização do 1º Congresso da Central Sindical Popular – CSP Conlutas, fazendo aprovar o seu estatuto e estabelecendo parâmetros de ação para a luta conjunta de defesa dos trabalhadores e da liberdade de organização sindical principalmente nesse momento de enfrentamento da crise mundial do capital, cuja responsabilidade os capitalistas jogam nas costas dos trabalhadores. Esse brado de luta é um novo alento no esforço de fortalecimento da unidade dos trabalhadores.

Sofremos alguns baques: a tramitação a toque de caixa da criação da Ebserh,

do Funpresp e do projeto que consolida a desestruturação da carreira docente das Instituições Federais de Ensino a despeito da rejeição explícita em todas as assembleias da categoria e de todas as lutas empreendidas pela categoria em sentido diverso a respeito destes temas. Também tivemos postergada a nossa pauta para a adoção de 10% do PIB para a educação, já! O país continuará a sacrificar por mais dez anos a sua juventude, se é que essa meta venha a ser cumprida em 2023.

Em hipótese nenhuma, contudo, estamos caídos. Continuaremos firmes buscando o atendimento das reivindicações democraticamente estabelecidas pela categoria. É bom falar e que o governo fique sabendo: o Espaço de Unidade e Ação já está se organizando para 2013. Reuniões de preparação pela retomada da luta estão em curso. Já está sendo pensado o lançamento da campanha de 2013 para o início do ano e a realização da primeira grande manifestação para abril. Pretende-se, portanto, reeditar com mais ênfase ainda a mobilização cujo crescimento tem sido evidente. E enfrentar as tentativas de nos imporem amarras em relação ao direito de greve e à luta por reajustes salariais.

Governos passam, mas organizações sindicais permanecem; as autênticas e democráticas têm vida longa, bem assim aqueles que trabalham e lutam para fazer valer os direitos de todos. Esses sempre terão o que lembrar que justifique a sua existência, que alimente a sua resistência e que lhes faça permanecer de pé na sua trajetória.

Desejamos-lhes – professoras e professores - um novo ano prá lá de bom. Boa luta e boa safra em 2013!

EXPEDIENTE

O Informandes é uma publicação do ANDES-SN // site: www.andes.org.br // e-mail: imprensa@andes.org.br

Diretor responsável: Luiz Henrique Schuch

Redação: Renata Maffezoli e Rejane Medeiros

Fotos: Renata Maffezoli e Seções Sindicais // Edição: Renata Maffezoli MTb 37322 // Diagramação: Ronaldo Alves DRT 5103-DF



EVENTOS 2012

Sindicato enfrentou desafios impostos e se fortaleceu

O ano de 2012 foi marcado por quatro grandes encontros nacionais. Em janeiro, os docentes participaram do 31º Congresso do ANDES-SN, em Manaus (AM). Em abril, aconteceu o 1º Congresso da CSP-Conlutas, em Sumaré (SP). Já em junho, em meio a intensas mobilizações dos professores das Instituições Federais de Ensino (IFE) e das Instituições Estaduais de Ensino Superior (Iees), aconteceu o 57º Conad do ANDES-SN, em Parnaíba (PI). E, fechando o ano, foi realizado em novembro o VI Encontro Intersetorial, em Brasília (ver Box).

Todos esses eventos de caráter nacional tiveram deliberações e encaminhamentos que refletiram no desenrolar da luta dos professores durante o ano, nos mais diversos campos de ação.

O fortalecimento na relação com a base e a defesa do ANDES-SN foram os desafios que marcaram o 31º Congresso do sindicato e permearam sua atuação em 2012. Tanto que, durante o encontro, os docentes estabeleceram que o Sindicato Nacional, como seu legítimo representante, deve seguir a luta em defesa da educação pública em todos os níveis, gratuita, laica, universal e com padrão unitário de qualidade, das condições de trabalho, carreira docente única, salários

dignos, a partir da intensificação da organização de base e da unidade das lutas com o conjunto do movimento social, autônomo e classista.

Para Márcio de Oliveira, secretário geral do ANDES-SN, a centralidade da luta aprovada no Congresso de Manaus ficou expressa em todas as ações da entidade em 2012. “A consequência imediata foi a continuidade da luta pela carreira e pelas condições de trabalho, que desencadeou nas greves deste ano nas Federais e em algumas Estaduais, com amplo apoio dos estudantes, que também deram grande demonstração de luta e dos técnicos-administrativos, o que permitiu a construção de vários atos unificados em defesa da educação pública. Além disso, demos continuidade às nossas atividades do Espaço de Unidade e Ação e no Fórum dos SPF, o que fortaleceu a luta das demais categorias, resultando na maior greve do funcionalismo público nos últimos dez anos”, analisa Oliveira.

Nesse cenário, o diretor do ANDES-SN avalia que a luta dos trabalhadores teve grande impacto na conjuntura do país, forçando o governo a reconhecer a força da mobilização das categorias. “As entidades se mobilizaram e forçaram o governo a conceder um reajuste, embora mesmo que não o desejado, isso é um ganho



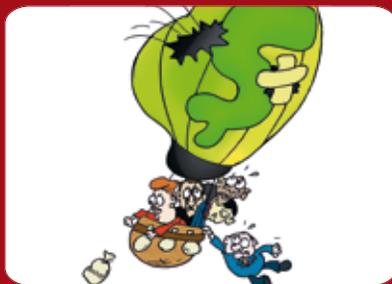
político muito significativo. O governo foi obrigado a retroceder na sua posição de zero de reajuste para os próximos 10 anos”.

O secretário geral da entidade destaca ainda que o fortalecimento do sindicato e de sua atuação junto a demais setores do movimento social também se deu na realização, durante todo o ano, de diversos encontros e seminários organizados pelos grupos de trabalho do ANDES-SN em campos como Ciência e Tecnologia, Diversidade Sexual, Etnia, Gênero e Classe, Assuntos de Aposentadoria, Política Agrária e de Meio Ambiente, além de cursos de formação sindical e encontros regionais (ver pág. 6).

Outra ferramenta de luta dos professores fortalecida durante o ano de 2012 foi o Caderno 02 - Proposta do ANDES-SN para a Universidade Brasileira. O processo deliberativo de atualização do documento foi iniciado em 2011, durante o 56º Conad de Maringá (PR).

No 31º Congresso, os delegados aprovaram a modificação do Caderno 2 e no 57º Conad, votaram as alterações do texto-documento sobre Ciência e Tecnologia. O material encontra-se agora em fase de diagramação e será apresentado





EVENTOS 2012

durante o 32º Congresso no Rio de Janeiro, em março do próximo ano. Durante o Conad de Parnaíba, o professor Osvaldo Coggiola, 2º vice-presidente da Regional SP do ANDES-SN, ressaltou a importância do processo de aperfeiçoamento do Caderno 2.

“Gostaria de registrar que, com essa votação foi finalizado este ciclo, que perdurou três encontros do sindicato, da atualização do projeto do ANDES-SN para a Universidade Brasileira. Este é um momento histórico para a nossa entidade”, disse Coggiola, sendo aplaudido pelos participantes da plenária.

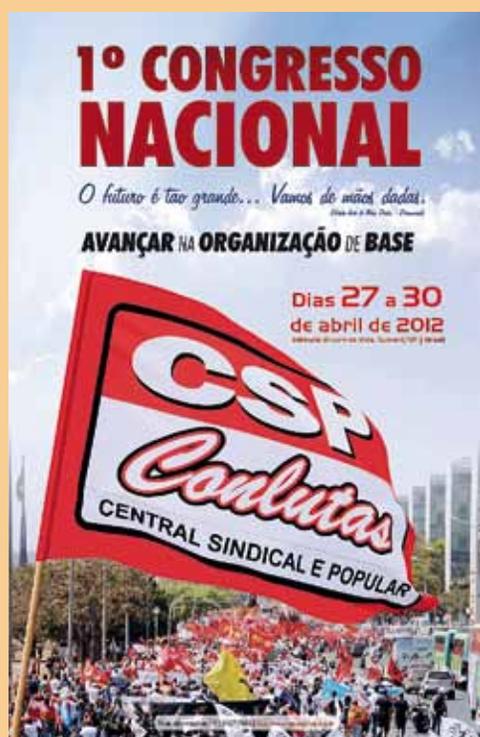
Outro fato político importante que marcou tanto o Congresso quanto o Conad realizados neste ano foi a eleição da nova diretoria do Sindicato Nacional, que permanecerá à frente da entidade durante o biênio 2012-2014. No evento em Manaus, foram apresentadas as duas chapas que participariam no processo eleitoral, que



se deu em maio, e no Conad a diretoria eleita foi empossada.

“Durante esse ano nós conseguimos fazer o processo sucessório e dar continuidade ao trabalho que vinha sendo desenvolvido pela diretoria anterior, mantendo o sindicato vivo e atuante. Passamos o primeiro semestre em torno da eleição.

A diretoria assumiu em meio à greve e conseguiu seguir com os planos de lutas aprovados pelo Congresso e referendados no Conad. Isso é um grande êxito da nova diretoria e aponta também que a diretoria anterior trilhou o caminho certo até aqui na construção e fortalecimento da entidade”, constata Oliveira.



CSP Conlutas realiza seu 1º Congresso

Em 2012, Central trabalhou para a construção da unidade classista

Com a presença de mais de 2280 participantes, entre representantes de movimentos sindicais e populares de diversas partes do país, a Central Sindical e Popular CSP-Conlutas realizou, em abril deste ano, seu primeiro congresso, na cidade de Sumaré (SP).

O evento contou ainda com uma grande delegação internacional vinda de 20 diferentes países da América Latina, Europa, África e Estados Unidos, o que confirmou o caráter internacionalista da entidade.

Durante o 1º Congresso, os delegados aprovaram o estatuto da Central e definiram os eixos de intervenção da CSP-Conlutas,

que permitiram à entidade aprofundar a sua presença na luta dos movimentos sindicais, estudantis e populares durante o ano de 2012. O encontro representou uma vitória do processo de reorganização da classe trabalhadora brasileira.

Para José Maria de Almeida, coordenador da CSP-Conlutas, o congresso teve dois centros. Um foi a aprovação de um plano de ação que possibilitasse impulsionar as mobilizações e construir um fio condutor no processo de enfrentamento da política econômica dos governos. Outro foi a reorganização da Central, fortalecendo sua própria construção e, dessa forma, a unidade classista.

“A partir dos eixos definidos no Congresso, orientamos a continuidade de nossas ações. A atuação da central foi fundamental, por exemplo, para construir a greve do funcio-



EVENTOS 2012



Márcio avalia ainda que durante o ano, o Sindicato Nacional avançou na sua relação com a Central Sindical e Popular – CSP Conlutas. “No 31º Congresso aprofundamos a discussão e aprovamos vários itens para compor o estatuto da Central, que foram acatados pelos delegados do 1º Congresso da CSP-Conlutas. Mesmo em

relação a proposta de mudança do nome da Central, conseguimos levar a discussão a diante e submeter democraticamente ao congresso para votação”, recorda.

Para o diretor do ANDES-SN, todas essas ações, assim como o envolvimento do Sindicato Nacional no fortalecimento do Espaço de Unidade e Ação, demonstram

o esforço da categoria, sinalizado já em janeiro com a aprovação do plano geral de lutas, em buscar a coesão dos diversos setores para avançar na unidade classista, em defesa dos direitos dos trabalhadores.

Em relação aos desafios postos aos trabalhadores durante 2012, Márcio de Oliveira faz um balanço de que a política empreendida pelo Sindicato vem dando bons frutos. Para ele, as lutas e mobilizações deste ano antecipam o que vai ser o próximo.

“Não há sensação de frustração. Nesse ano tivemos um grande esforço de mobilização, que com certeza terá impacto positivo nas nossas ações em 2013. Podemos não ter ganhado exatamente como queríamos, mas o movimento está vivo, renovado, com grande participação da categoria e com isso, sem dúvida, o sindicato sai fortalecido”, avalia, lembrando que os governos passam, mas “as instituições sólidas, corretas e dignas permanecem”.

nalismo público e o conjunto de greves nacionais, que conseguiram impor derrotas ao Executivo e flexibilizar a política de reajuste zero adotada pelo governo Dilma”, ressalta.

Zé Maria destaca ainda o papel importante da Central na defesa dos trabalhadores da iniciativa privada, que também enfrentam sérios ataques dos patrões nas montado-

ras, hidroelétricas, construção civil e tantos outros setores. “Conseguimos fortalecer a luta dos companheiros de Belo Monte, Jirau, São José dos Campos, Baixada Fluminense e muitos outros locais onde a exploração da classe trabalhadora chegou ao extremo, com demissões em massa e flexibilização dos direitos”, comenta.

rio, pela rejeição da fórmula 85/95. Com o ato no dia 28 de novembro e as reuniões que sucederam este evento demos um passo adiante na construção da unidade necessária para os enfrentamentos às novas investidas contra os direitos dos trabalhadores”, avalia.

Zé Maria destaca que, nesse sentido, já está sendo construída a grande marcha do Espaço de Unidade e Ação, marcada para o dia 17 de abril. “Com o agravamento da crise financeira internacional, a situação do Brasil vai se aproximando daquela vivenciada em vários outros países, onde a alternativa foi um endurecimento nos ataques aos trabalhadores, com a retirada de direitos, cortes de salários e demissões em massa. Aqui já vemos esse cenário sendo construído, e os trabalhadores já vêm dando claros sinais de não estarem dispostos a pagarem por essa crise”, sinaliza, lembrando que, por isso, é necessário recrudescer a luta.

O coordenado da CSP-Conlutas destaca que os desafios para 2013 já começaram a se definir ainda este ano. “Demos início em novembro a campanha contra o Acordo Coletivo Especial, pela anulação da Reforma da Previdência de 2003, o fim do Fator Previdenciá-





EVENTOS 2012



VI Intersectorial

Além dos encontros e das reuniões dos setores, o ANDES-SN promoveu, em novembro, o VI Encontro Intersectorial, que reuniu 126 docentes, de 50 seções sindicais. Na oportunidade, foi debatida a conjuntura nacional, a história do ANDES-SN e os desafios impostos à categoria e as estratégias de enfrentamento.

A realização de um encontro que reunisse os três setores do ANDES-SN foi deliberada durante o 57º Conad com o objetivo de organizar as ações e as atividades conjuntas em defesa do Sindicato Nacional, na luta pela valorização do trabalho docente e da educação pública. Os delegados do Conad também recomendaram que o ANDES-SN promovesse reuniões da diretoria em sua totalidade, o que aconteceu às vésperas do VI Encontro Intersectorial.

“Conseguimos fazer o que nos propuemos e as análises e encaminhamentos produzidos no VI Encontro vão no sentido de fortalecer o Sindicato para enfrentarmos os desafios e ameaças impostos’, avalia Marinalva Oliveira. As sugestões apresentadas pelos grupos de trabalho deverão ser incorporadas ao próximo plano de lutas da categoria, a ser aprovado no 32º Congresso, a ser realizado de 4 a 9 de março, no Rio de Janeiro.

Seminários debatem modelo de universidade

Durante todo o ano de 2012, o ANDES-SN realizou diversos seminários e encontros como forma de incentivar na categoria o debate de temas como diversidade sexual, saúde docente, meio ambiente, entre outros. “A docência é uma atividade baseada no livre debate de ideias e já faz parte da forma de atuação do nosso sindicato a realização de seminários e outros eventos em que haja essa troca”, explica o 1º vice-presidente do ANDES-SN, Luiz Henrique Schuch.

Nesse período foram realizados dois seminários promovidos pelo grupo de trabalho de Estado e Educação (GTPE). O primeiro aconteceu no início de maio, em Foz do Iguaçu, e teve como tema “O contexto do PNE”. Já o segundo, realizado no final de outubro, em Salvador, tratou da articulação entre o ensino superior e os demais níveis de ensino.

Em maio, os 10 anos do início das ações afirmativas foram debatidos em seminário promovido GT de Etnia, Gênero e Classe (GTEGC), na Universidade de São Paulo, que reuniu cerca de 100 pessoas, de diversos estados. Na conferência de abertura, o professor Kabengele Munanga, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), defensor histórico das cotas no ensino superior, afirmou que o “objetivo das políticas afirmativas é reduzir a desigualdade e não estimular o racismo”.

Para a professora Zuleide Queiroz, que coordenava o GTEGC na gestão 2010-2012, o seminário foi muito rico e serviu para fortalecer “o avanço das ações afirmativas nas Instituições de Ensino Superior”.

O GTEGC promoveu outro evento que também contou com um grande número de presentes. Foi o que reuniu de 19 a 20

de outubro, em Crato, mais de 120 pessoas, para o Seminário Nacional do ANDES-SN sobre Diversidade Sexual. Na avaliação do GTEGC, ele cumpriu com o objetivo de iniciar o debate sobre a temática no Sindicato Nacional de forma qualificada. “Além disso, possibilitou a participação de representantes de vários movimentos sociais do entorno de Crato”.

O ANDES-SN também realizou, em Belo Horizonte, de 30 de novembro a 2 de dezembro, o XVII Encontro Nacional de Assuntos de Aposentadoria, que debateu temas como o Funpresp, a reorganização do movimento docente e o projeto de lei 121/12, fruto do simulacro de acordo entre o governo e o Proifes. No começo de dezembro foi realizado em Brasília o seminário “Desdobramentos da Rio+20 e o Código Florestal”, que serviu de subsídio para as propostas a serem elaboradas pelo GT de Políticas Agrárias e Meio Ambiente (GTPAMA) para o próximo plano de lutas do ANDES-SN.

Já a saúde dos docentes foi debatida no IV Encontro Nacional do ANDES-SN sobre saúde do trabalhador, realizado em maio, em Curitiba. Na ocasião, foi deliberado que a Apurfpr-SSindical vai realizar uma pesquisa-piloto sobre a saúde dos professores das IES. Outro evento foi o seminário sobre “Sindicalização dos Institutos Federais de Ensino Técnico e Tecnológico”, realizado no início de junho, em Juiz de Fora.





MUNDO DO TRABALHO

Articulação entre SPF possibilitou grandes greves em 2012

A unidade dos servidores públicos federais em torno de uma pauta de reivindicações comum possibilitou a realização da maior greve da categoria nos últimos dez anos. A mobilização do funcionalismo público é um movimento crescente, intensificado neste ano com o endurecimento do governo Dilma, que iniciou as negociações sinalizando reajuste zero para os próximos períodos.

“Essa foi a mais longa e mais abrangente greve do serviço público depois de oito anos de mandato Lula e um ano de Dilma e pudemos extrair um saldo político e organizativo muito bom. Apesar de não atingir os índices reivindicados, conseguimos, através de uma inflexão do Fórum, fazer o governo recuar em sua política de reajuste zero. Além disso, expusemos para a sociedade a precarie-

dade e péssimas condições de trabalho em diversas áreas do serviço público”, avalia Josevaldo Pessoa da Cunha, 1º vice-presidente da Regional Nordeste 2 do ANDES-SN, que representou o sindicato em diversas reuniões do Fórum das Entidades Nacionais dos Servidores Públicos Federais.

Cunha lembra ainda que a luta dos SPF conseguiu ‘dobrar’ o núcleo duro do governo, que havia adotado desde 2011 a política de não negociar com categorias em greve. “Fizemos o Executivo recuar e sentar na mesa com os grevistas”, ressalta, observando que o governo buscou então outras formas de endurecer com os servidores, através da criminalização dos movimentos, corte de ponto e judicialização das greves.

O diretor do ANDES-SN aponta que a ausência de resposta do governo aos



eixos da Campanha Unificada de 2012 apresenta condições objetivas para que os SPF retomem a luta em 2013. “Já temos um calendário de ações para o início do ano, com o protocolo da pauta unificada em janeiro e o lançamento oficial da Campanha em fevereiro e a grande Marcha do Espaço de Unidade e Ação em abril”, comenta. (Veja Box)

Cunha conta ainda que uma das deliberações da última reunião do Setor das Ifes do ANDES-SN, e que será aprofundada na reunião da diretoria do Sindicato Nacional em janeiro, é o fortalecimento da Coordenação Nacional das Entidades dos Servidores Públicos Federais (Cnesf), como espaço estratégico de coordenação para os futuros enfrentamentos.

“Em 2012 sentimos falta dessa ferramenta. A Cnesf é anterior ao Fórum dos SPF e continua existindo, mas por conta de tantas demandas, aqueles que a compõem acabaram por centrar esforços no Fórum, que concentra um maior número





MUNDO DO TRABALHO

de entidades, mesmo que com algumas diferenças programáticas”, explica.

Ele ressalta, no entanto, que para fazer a disputa de projeto com o governo, a Cnesf é um espaço organizativo importante e que precisa ser retomado. “A Cnesf concentra

entidades que possuem uma maior unidade programática, de concepção do serviço público e valorização do servidor. Estamos preparados no ANDES-SN para atuar junto à Coordenação, sem prejuízo à nossa participação nas atividades do Fórum”, ressalta.

Servidores tomaram a Esplanada em 2012

Os servidores públicos federais tomaram a Esplanada dos Ministérios em vários momentos durante o ano de 2012. Além de muitas manifestações realizadas pelas categorias em greve em frente aos ministérios, o Fórum das Entidades Nacionais dos Servidores Públicos Federais organizou quatro grandes marchas na capital federal.

No dia 28 de março, cerca de 6 mil servidores públicos ocuparam as três pistas do Eixo Monumental. Apesar de terem protocolado a pauta de reivindicações unificada em janeiro, os representantes dos SPF só foram recebidos pelo governo em março. E, nas três reuniões com o Ministério do Planejamento realizadas naquele mês, não registraram nenhum avanço.

Em 5 de junho, já com a greve dos docentes das Instituições Federais de Ensino

em curso, mais de 15 mil servidores, de todos os cantos do país, percorreram a Esplanada dos Ministérios, reivindicando a abertura de negociação efetiva com o Governo Dilma. Neste mesmo dia, na plenária unificada dos SPF, mais de 30 categorias decidiram por aderir à paralisação iniciada pelo ANDES-SN em 17 de maio.

Em uma mobilização que demonstrou ampliação e a força do movimento, cerca de 20 mil pessoas, entre servidores e estudantes, tomaram novamente as faixas da Esplanada em 18 de julho para exigir do Executivo negociações efetivas.

E no dia 15 de agosto, mais de 10 mil servidores voltaram a ocupar as ruas que levam ao Congresso Nacional. A pressão surtiu efeito e o Executivo se viu obrigado a negociar com as categorias em greve.



Confira o calendário de ações para o início de 2013

Fórum das Entidades Nacionais dos SPF:

- **22/01/2013:**
Protocolo dos “Eixos da Campanha Unificada dos SPF”, no MPOG; Esplanada dos Ministérios.
- **27/01/2013:**
Seminário sobre Negociação Coletiva, Direito de greve e Acordo Coletivo Especial. Porto Alegre-RS, no Fórum Social Mundial.
- **20/02/2013:**
Lançamento oficial da Campanha Unificada dos SPF; às 9 horas, no auditório Nereu Ramos, na Câmara dos Deputados.
- **21/02/2013:**
Seminário das 03 (três) “esferas do serviço público”, no auditório Petrônio Portela, no Senado Federal.

Espaço Unidade de Ação

- **17 DE ABRIL DE 2013:**
Grande Marcha a Brasília.





MUNDO DO TRABALHO

Trabalhadores e movimentos foram à luta em 2012

Vítimas dos mais diversos ataques aos seus direitos sociais básicos como o trabalho, moradia, terra, educação e saúde, trabalhadores de diversas categorias dos setores públicos e privados e também vários movimentos sociais partiram para o enfrentamento, reivindicando aquilo que lhes está sendo usurpado por uma política de estado ausente nas políticas sociais e generosa aliada dos grandes negócios.

Durante todo 2012, diversas lutas foram destaque nos veículos de comunicação do ANDES-SN e também de outros canais de comunicação, mas pouco espaço ganharam na chamada “grande mídia”. Trabalhadores rurais sem terra, sem teto, populações indígenas, quilombolas, ribeirinhos, trabalhadores da construção civil, das grandes obras da Copa e das hidrelétricas, montadoras, e tantos outros protagonizaram grandes manifestações de luta e resistência.

Um dos episódios mais marcantes do início do ano foi a desocupação dos moradores da comunidade do Pinheirinho, em São Paulo. Em janeiro, policiais fortemente armados expulsaram com violência os moradores de suas casas. Houve relatos de mortos, feridos e desaparecidos. A comunidade desmantelada ainda luta para se reerguer e diversas famílias permanecem em residências provisórias.

A denúncia deste e de tantos outros atos de violência contra a população foram destaque nas falas de várias lideranças durante o 1º Congresso da CSP Conlutas. Entre os relatos, o da indígena Dirce Verón, que emocionou os participantes do congresso com seu depoimento. “Vim aqui fazer um desabafo, compartilhar com vocês o sofrimento do meu povo e denunciar o genocídio dos Kaiowá-Guarani”, revelou a líder dos Kaiowá-Guarani.

Meses depois, pressionados por fazendeiros e completamente abandonados



pelo governo, que nada fez para garantir àquele o direito legítimo às suas terras, os Kaiowá-Guarani fizeram um apelo dramático à vida e à permanência em seu território, que ganhou visibilidade mundial. A disputa ainda segue na justiça.

A perspectiva é que 2013 seja também palco de grandes mobilizações, uma vez que o governo brasileiro está se colocando na linha de frente da tentativa de descarregar a crise sobre as costas dos trabalhadores.

“Ao anunciado novo ciclo de privatizações dos portos, rodovias e aeroportos, com generosos subsídios para o grande capital, se acrescenta um completo programa antioperário que aponta para a destruição da legislação trabalhista. A estratégia é proceder a um gigantesco confisco de recursos para subsidiar as empresas privadas e mitigar a queda da taxa de lucro. A reação das massas começa a transformar um cenário político obstruído, durante quase uma década, por um governo de colaboração de classes e de submetimento dos sindicatos através da burocracia da CUT”, avalia Osvaldo Coggiola, 2º Vice-presidente da Regional São Paulo do ANDES-SN.



Fim de um sonho, mulheres protegem os filhos enquanto saem com apenas a roupa do corpo.

KATIA FIGUEIRA DE OLIVEIRA



MOVIMENTO DOCENTE

Docentes vão para o enfrentamento

Categoria realiza greves históricas e expõem o falso consenso de que havia investimentos em educação

2012 ficou marcado como aquele em que a sociedade brasileira tomou conhecimento dos efeitos da expansão desordenada do ensino superior no Brasil, baseada na abertura de vagas por meio do Reuni, do Prouni e do Fies. As universidades públicas realizaram greves históricas, com professores reivindicando uma carreira estruturada e melhores condições de trabalho. Nas instituições privadas, as demissões foram uma constante, pois no afã de reduzir cus-

tos, grandes redes demitiram professores com mais tempo de casa e com mestrado e doutorado.

“Durantes este ano ficou explicitado que não há interesse do governo em garantir uma universidade de qualidade para a população brasileira. Se tivesse, atenderia a reivindicação dos docentes das Instituições Federais de Ensino (IFE) por uma carreira estruturada, que valorizasse a experiência e a qualificação e não teria deixado as instituições particulares demitirem milhares de professores”, avalia a presidente do ANDES-SN, Marinalva Oliveira.

O ano começou com a realização do 31º Congresso do ANDES-SN, de 15 a 20 de janeiro, em Manaus, no qual foi aprovado o plano de lutas para os docentes das Instituições de Ensino Superior (IES), tendo como centralidade a “defesa da educação pública em todos os níveis, gratuita, laica, universal e com padrão unitário de qualidade, condições de trabalho, carreira docente única, salários dignos, fortalecendo o ANDES-SN como legítimo representante sindical dos docentes das IES, a partir da intensificação da organização da base e da unidade das lutas com o conjunto do movimento social, autônomo e classista”.

A atuação do Sindicato Nacional pauteou-se pelo que foi aprovado no 31º Congresso. Nesse período, o ANDES-SN construiu uma das maiores greves das universidades federais, abrindo caminho



para a greve dos servidores públicos em âmbito nacional, denunciou as políticas privatistas do governo e, junto com o setor das estaduais, fez o enfrentamento necessário com os governos locais. Em todas as esferas respeitou as instâncias de base e fez a defesa de uma educação pública de qualidade.

Greve no setor das federais

Em janeiro, o ANDES-SN colocou no site da instituição um vídeo em que ficavam explicitadas as posições do governo e das entidades sindicais na última reunião do grupo de trabalho (GT) sobre carreira docente, realizada em dezembro de 2011. Havia reuniões formalmente agendadas para ocorrer. A morte do então secretário de Recursos Humanos do Ministério do Planejamento, Duvanier Paiva, serviu porém de argumento para o governo atrasar o calendário.

Outra reunião do GT só foi ocorrer no dia 22 de março, já com o novo secretário de Relações do Trabalho, Sérgio Mendonça, que pediu um novo prazo para a conclusão dos trabalhos do grupo. A





MOVIMENTO DOCENTE



de trabalho dos docentes, principalmente nos campi expandidos nos últimos anos pelo Reuni, o produtivismo acadêmico e a defasagem salarial foram os estopins para a greve, que desde o começo apresentou uma força vista poucas vezes na categoria.

Rapidamente, a greve atingiu a quase totalidade das IFE, sendo que apenas duas instituições não aderiram ao movimento. Também incentivou outras categorias a entrarem em greve. Pela primeira vez em muitos anos, o governo federal teve de enfrentar uma reação tão coesa e firme dos servidores (ver matéria nas páginas 7 a 9).

Em seções sindicais cujas direções não se faziam representar pelo ANDES-SN, como as da UFG (campus central), UFC, UFMG e UFBA, os docentes formaram seus comandos locais de greve, pararam suas atividades e passaram a se reportar ao Comando Nacional de Greve, que funcionava em Brasília, na sede do ANDES-SN.

O governo, no entanto, só recebeu a categoria no dia 12 de junho, quase um mês após o início da greve e mesmo assim para pedir uma trégua, sem apresentar nenhuma proposta. Novo encontro só foi acontecer mais de um mês depois, no dia 13 de julho. A proposta apresentada, no entanto, era tão ruim que foi rejeitada até pela entidade oficial, o Proifes. O ANDES-SN denunciou que a proposta não dialogava com aquela aprovada pela categoria no 30º Congresso do Sindicato, a qual previa um plano estruturado, em que o professor poderia desenvolver-se na carreira tendo como base a experiência acadêmica, a formação continuada e a avaliação no âmbito da instituição.

O ANDES-SN desmascarou a manipulação oficial de que os docentes teriam ganhos salariais reais com a proposta, a ser implementada em três anos. No dia 24 de julho, o governo apresentou nova proposta melhorando os índices de reposição salarial, mas mantendo a desestruturação da carreira.

Mais uma vez a categoria disse não. O governo, no entanto, preferiu assinar, no início de agosto, um simulacro de acordo com a entidade oficial. Os docentes continuaram em greve, inclusive nas IFE em que as entidades estavam filiadas ao Proifes, como Ceará, Goiás e Bahia.

Como forma de demonstrar disposição para o diálogo, o CNG/ANDES-SN fez uma contraproposta, mantendo o piso e o teto da proposta do governo e reduzindo o percentual dos degraus entre níveis de 5% para 4%. A proposta foi entregue na Casa Civil da Presidência da República e nos ministérios do Planejamento e da Educação. O governo, no entanto, resolveu ignorá-la e, no final de agosto, enviou para a Câmara dos Deputados um projeto de lei contendo o que foi acertado com o Proifes, sobre a carreira docente e sobre a carreira dos técnicos-administrativos com outras entidades, como a Fasubra e o Sinasefe.

Diante da nova realidade, a categoria decidiu sair da greve na semana entre

diretoria do ANDES-SN também se reuniu com o ministro da Educação, Aloizio Mercadante, que tentava evitar uma greve da categoria, mas não assumia nenhuma posição concreta no sentido de atender as reivindicações dos docentes.

“Em todos os momentos dissemos ao ministro que a entrada ou não em greve era uma decisão da categoria, já que o ANDES-SN trabalha respeitando as deliberações da base. Afirmamos, também, que o governo precisava se comprometer com os pontos de pauta apresentados pelos docentes: condições de trabalho e reestruturação da carreira”, lembra a então presidente do ANDES-SN, Marina Barbosa, atual 1ª secretária do Sindicato.

Como era previsível, a reunião do GT Carreira Docente, na primeira quinzena de maio, não avançou e o discurso do governo era de que devido à crise internacional não daria revisão geral salarial para os servidores em 2013 e que apenas algumas poucas carreiras teriam correções de distorções. Os docentes decidiram, então, entrar em greve no dia 17 de maio, já com a adesão de 33 IFE. As péssimas condições





MOVIMENTO DOCENTE



17 e 21 de setembro. A luta passou a ser travada no Congresso Nacional. O ANDES-SN fez um estudo do projeto de lei e, respeitando os limites constitucionais, apresentou várias propostas de alteração, no sentido de corrigir os graves ataques à autonomia universitária e à estrutura da carreira docente contidos no PL. O Sindicato Nacional também participou de uma audiência pública na Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público (Ctasp) sobre a questão.

Acatando a posição do governo, o relator do PL não aceitou as sugestões apresentadas pelo ANDES-SN e por outras entidades e a proposta foi aprovada na Câmara dos Deputados em tempo recorde. Num mesmo dia foi aprovada pelas comissões e pelo plenário da Casa. O PL, que no Senado recebeu a denominação PLC 121/12, foi aprovado pelos senadores na noite do dia 18 de dezembro, junto com demais projetos de lei que tratavam dos servidores.

Greve no setor da educação

Iniciada pelos docentes das IFE, a greve realizada em 2012 convergiu as lutas dos três setores das instituições: professores, estudantes e técnico-administrativos. Liderados pela Assembleia Nacional dos

Estudantes Livres (Anel), a comunidade discente apoiou desde o início o movimento dos professores, deflagrando também greve nacional dos estudantes, instalando um comando nacional em Brasília e participando de várias atividades de mobilização em todo o país.

Os docentes e técnicos-administrativos filiados ao Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica (Sinasefe) logo entraram em greve. Assim como o ANDES-SN, o Sinasefe também entendia que a proposta do governo desestruturava ainda mais a carreira docente e se negou a assinar o acordo no que dizia respeito aos professores.

Os técnicos-administrativos, coman-

dados pela Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Técnicos-administrativos em Instituições de Ensino Superior Públicas Brasileiras (Fasubra), iniciaram a greve logo em seguida. Tendo realizado uma greve prolongada no ano anterior, quando o governo se negou a receber servidores em greve, a Fasubra manteve o enfrentamento em 2012.

Para a presidente do ANDES-SN, Marinalva Oliveira, a greve deste ano das IFE foi um marco na defesa de um projeto alternativo de educação. “Ela foi um grande movimento de reorganização do setor da educação federal. E se não conseguimos o nosso plano de carreira, o governo foi obrigado a mudar na posição em que se encontrava: dizia que não negociava com categorias em greve e que concederia zero de reajuste”, argumenta.

“Além disso, conseguimos que as nossas denúncias sobre a precarização das IFE, principalmente nas que foram expandidas pelo Reuni, chegassem na sociedade. Foi possível fazer um debate sobre a educação que o governo quer, baseada na reprodução de mão de obra barata para o mercado, e no sentido contrário à indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”, afirma.

Na avaliação do 3º secretário do ANDES-SN e presidente da Seção Sindical da Universidade Federal de Santa Maria, Rondon de Castro, a mobilização realizada





MOVIMENTO DOCENTE

em 2012 foi demarcatória. “A força da greve contrariou todas as expectativas, o que demonstra o grau de insatisfação da categoria. Ela também marcou um novo tempo, em que saímos de uma situação de passividade para outro patamar de organização”, avalia.

Durante o VI Encontro Intersectorial, o dirigente da Seção Sindical dos Docentes da Autarquia de Ensino Superior de Arco Verde (Adesa), Otacílio Góis, argumentou que a greve do setor das federais foi usada, inclusive, como instrumento de discussão em sala de aula. “Nós, que estamos em uma situação sofrida e trabalhando em condições precárias, achávamos, pelas propagandas que víamos na televisão, que nas universidades federais estava tudo às mil maravilhas. Constatamos que a precarização é a mesma, pois não há interesse em formar cidadãos plenos. E levamos essa discussão para nossas aulas”, informou.

Continua a luta em defesa da autonomia

Em 2012, as universidades estaduais do Pará, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Bahia, Rio de Janeiro, Paraná e Mato Grosso realizaram mobilização em prol de maior autonomia financeira e de melhores condições salariais para os docentes. Em algumas, como no Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Piauí,



Pará e Paraná os docentes entraram em greve, e em outras as forças estão sendo acumuladas para 2013.

No Rio de Janeiro, a categoria, depois de uma greve que durou mais de três meses, conseguiu com que fosse enviado para a Assembleia Legislativa um projeto de lei estabelecendo a dedicação exclusiva nas universidades estaduais. Já os professores do Rio Grande do Norte, que também realizaram uma greve longa, conseguiram que o hastag #emdefesadaUERN ficasse por mais de duas horas entre os assuntos mais comentados no twitter e arrancaram um acordo do governo estadual.

No Paraná, a greve não chegou a uma semana, mas foi possível fechar um acordo com o governador. No Piauí, o governador cortou os pontos dos grevistas e concedeu aos docentes o mesmo reajuste que tinha

dado aos demais servidores estaduais. A Adcesp reverteu o corte de ponto e já prepara a campanha para 2013.

Já na Universidade de São Paulo a luta é contra a truculência do reitor Grandino Rodas, que colocou a Polícia Militar dentro do campus e adotou como estratégia de atuação o confronto diário com estudantes e professores.

“Este foi um ano de greves em algumas universidades, mas também em que amadurecemos o entendimento de que é preciso unificar a luta em defesa da autonomia e do financiamento das lees/Imes”, avalia o 2º vice-presidente do ANDES-SN, Gean Santana, que coordena o setor.

Como forma de contribuir para a luta unificada do setor, o Sindicato Nacional editou no início de 2012 a publicação “Estudo da amplitude remuneratória dos docentes das lees”, com dados sobre o piso e o teto salarial nas universidades estaduais.

Também foi realizado, em abril, em Brasília, o IX Encontro do Setor, que teve como tema “Autonomia com democracia e financiamento das lees/Imes”. A grande luta dos docentes é para que haja subvinculação orçamentária, como ocorre em São Paulo, que destina 9,75% do ICMS para as três universidades paulistas.

Em maio, assim como foi em anos anteriores, foi realizado o Dia Nacional de Luta





MOVIMENTO DOCENTE



dos Docentes das IES/Imes pela Autonomia e Financiamento. “Essa é uma briga antiga e constante, mas vamos continuar a insistir nesse ponto, pois ele está relacionado à autonomia universitária”, argumenta o professor Alexandre Galvão, que estava na coordenação do setor até junho de 2012.

“A falta de financiamento tem nos preocupado, pois o estrangulamento orçamentário das IES/Imes tem sido uma constante, o que compromete as atividades de ensino, pesquisa e extensão, além de nossas condições de trabalho e salários, achatando-os ainda mais”, complementa Gean Santana.

No final de setembro foi realizado o X Encontro Nacional do Setor das IES/Imes, também em Brasília, que teve como tema “Federalização/Estadualização: problemas e perspectivas”. Os debates foram antecedidos por um minicurso sobre orçamento público, em que foi buscado qualificar os representantes sindicais para intervenções sobre a elaboração orçamentária nos estados e municípios.

No setor das particulares, o ano foi de resistência às demissões e às atitudes truculentas das entidades mantenedoras. A PUC São Paulo, por exemplo, terminou

o ano em meio a greves de estudantes e professores, contrários à atitude do cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, que empossou como reitora uma pessoa da confiança dele, mas que tinha ficado em terceiro lugar na escolha feita pela comunidade acadêmica.

Perspectivas

Na avaliação do 2º secretário do ANDES-SN, Paulo Rizzo, o ano de 2013 também será de lutas, já que o governo mantém firme a política de fazer superávit primário para pagar os encargos da dívida pública. “Tanto é assim que não há um compromisso de garantir os 10% do Produto Interno Bruto (PIB) para a educação, nem mesmo para daqui a dez anos. O que ele faz é jogar essa discussão para a utilização dos recursos do pré-sal”, antevê.

Sem esse compromisso em investir nas políticas sociais, os profissionais continuarão precarizados e a qualidade tende a cair, seja na saúde, na educação, ou em outros serviços públicos.

Rizzo avalia que o ANDES-SN saiu fortalecido das lutas realizadas este ano “pois os professores reconheceram na entidade a única verdadeiramente autônoma em relação a partidos e a governos”. O que não quer dizer, no entanto, que o caminho está sedimentado, pois mesmo que a outra entidade não

Isenção fiscal para faculdades supera em três vezes reajuste dos professores

Além das isenções fiscais que as instituições particulares de ensino recebem por meio do Programa Universidade para Todos (Prouni), o governo concedeu no final de 2012 um perdão de dívidas tributárias no valor de R\$ 15 bilhões para essas instituições, que poderão reverter até 90% dessas dívidas em bolsas concedidas a estudantes.

Para se ter uma ideia do volume dos recursos, a revisão salarial dos docentes das IFE totalizará, em três anos, R\$ 4,2 bilhões. “Durante a nossa greve o governo dizia que a crise internacional impedia que as demandas da categoria fossem atendidas. Como, então, ele destina quase quatro vezes desse valor para os donos das faculdades particulares?”, questiona o 1º vice-

-presidente do ANDES-SN, Luiz Henrique Schuch.

Em troca das isenções tributárias, o governo poderia ter exigido, pelo menos como contrapartida a manutenção do emprego dos docentes, principalmente daqueles com mais capacitação, que foram os mais atingidos pelas demissões. Só a rede Anhanguera demitiu 1.497 professores em São Paulo.



MOVIMENTO DOCENTE



tenha a legitimidade da categoria, “ela é recebida na mesa de negociações e é privilegiada pelo governo”.

Assim como Rizzo, Marinalva acredita que o governo continuará jogando pesado contra os servidores. “Para enfrentá-lo temos de nos unir em torno dos pontos comuns, inclusive em conjunto com os trabalhadores da iniciativa privada, que estão sendo atacados com novas propostas de endurecimento da aposentadoria e pelo Acordo Coletivo Especial, em que o negociado valerá mais do que o legislado”, argumenta.

Ela defende o fortalecimento de instâncias como o Espaço de Unidade e Ação, que envolve trabalhadores do serviço público e da iniciativa privada, e do Fórum dos SPF. “Já aprovamos uma pauta de mobilizações para 2013 e temos de começar o ano preparados para o enfrentamento”, defende.

Em defesa do serviço público

Assim como nos anos anteriores, 2012 continuou sendo tristemente pródigo nos ataques do governo contra os servidores e uma concepção de serviço público voltado aos interesses dos cidadãos. Tendo sido rejeitada em 2010, a medida provisória que criava a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) foi transformada em projeto de lei, aprovado no final de 2011. Em 2012, o ANDES-SN, em parceria com a Frente Nacional contra a Privatização da Saúde, participou de diversos atos contra a Ebserh.

Graças à mobilização das entidades, vários conselhos universitários, como o da Universidade Federal de Campina Grande e da Universidade Federal do Paraná, rejeitaram a assinatura de contrato de gestão de seus hospitais com a Ebserh. Também foram realizados atos públicos, como o Dia Nacional de Luta contra a Privatização dos Hospitais Universitários. O ANDES-SN também editou dois boletins, disponibilizados para as demais entidades, com informações contrárias à Ebserh.

“Com a Ebserh, os hospitais deixam de ser parte constitutiva e central para a formação e a produção de conhecimento na área das ciências da saúde nas universidades federais. Deixam de ser hospitais de ensino, passando a integrar um cenário conduzido pela lógica empresarial, em contraposição à natureza universitária, quebrando o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”,

critica a 1ª secretária do ANDES-SN, Marina Barbosa.

Da mesma forma como está privatizando os serviços de saúde, como fez com a Ebserh, o governo federal também avançou na privatização da previdência dos servidores, criando a Fundação de Previdência Complementar do Servidor Público Federal (Funpresp). Em abril, o projeto de lei foi sancionado e em setembro foi editado o decreto criando a Funpresp. A expectativa é de que em março de 2013 o Fundo comece a aceitar os primeiros segurados, que serão os servidores contratados a partir de então.

Durante todo o ano, o ANDES-SN pautou o tema em seus veículos informativos e realizou debates sobre o tema. “Os fundos de pensão fazem com que o trabalhador seja o patrocinador da sua própria exploração, já que a rentabilidade deles depende do grau de exploração das empresas nas quais eles investem”, critica a professora da UFRJ Sara Granemann, que participou de várias mesas sobre o assunto.

O ANDES-SN também participou da campanha “10% do PIB para a educação pública, já!”, participando de atos públicos e de atividades no Congresso Nacional. Para o secretário-geral do Sindicato Nacional, Márcio Oliveira, foi graças a essas campanhas que foi possível avançar na proposta de 10% do PIB para a educação, mesmo que para daqui a dez anos, já que o governo queria apenas 7%.





MARIA TIEBO



PEDRO RODRIGUEZ



SALGOTZA



INTERNACIONAL

Luta dos trabalhadores também marcou cenário internacional

Três elementos fundamentais marcaram o ano de 2012 no cenário internacional: o aprofundamento da crise econômica mundial, o aumento da resistência e lutas sindicais e populares e os elementos da reorganização, com o movimento de uma maneira ou outra discutindo as organizações, a democracia.

Com isso, os ataques contra os trabalhadores e os povos se aprofundaram e ganharam cada vez mais velocidade. Em todos os continentes, a mobilização dos trabalhadores em defesa de seus direitos também adquiriam força à medida que esses ataques aumentaram. Alguns exemplos

da reação popular são as manifestações em massa nas diversas praças do mundo árabe, a greve geral organizada na Europa, em 14 de novembro, e o levante em defesa da educação pública no Chile, no Canadá, na Espanha e tantos outros países.

Para o 2º vice-presidente da Regional SP do ANDES-SN, Osvaldo Coggiola, as crises político-econômicas e as convulsões sociais que atravessam o cenário mundial são as manifestações inequívocas de uma bancarrota do sistema social capitalista.

“As massas trabalhadoras começaram a irromper no cenário político mundial, de um modo definitivo. O período de euforia capitalista, demasiadamente curto, que se seguiu à dissolução do “socialismo real”, já está concluído. O desenvolvimento da crise em numerosos países, as lutas e rebeliões populares, puseram fim à especulação de que a crise mundial em curso se reduziria a um episódio econômico de características financeiras limitadas”, avalia Coggiola.

Dirceu Travesso, da Coordenação da Central Sindical e Popular CSP-Conlutas, destaca que há uma diferença na reação dos trabalhadores à esse novo período da crise internacional, em relação ao que se viu entre 2008 e 2010. “Os velhos aparatos adaptados ao capitalismo se acostumaram a negociar sempre buscando pequenas concessões que justificassem sua capitulação e adaptação. Agora, pela crise, o capitalismo precisa que eles aceitem a lógica da retirada de direitos históricos, o que, no geral, tais aparatos estão a favor. No entanto, os trabalhadores e povos estão indo às ruas lutar e resistir. E têm dado demonstrações claras de que não estão dispostos a aceitar”, observa.

Segundo Travesso, a reorganização,

o debate sobre os velhos aparatos e organizações que se adaptaram à ordem capitalista, com expressões e ritmos distintos, estão se dando em todos os processos. “Todos esses elementos para nós têm muita importância. Os debates e mobilizações ganham cada vez mais caráter de discussão do sistema de maneira global e não de reivindicações específicas. Começam com elementos específicos na luta contra os ataques, mas permitem, pela primeira vez depois de duas décadas, que as discussões programáticas caminhem no sentido de avaliar o sistema capitalista de produção, como um algo de massas e não mais de setores pequenos de vanguarda”, observa.

O coordenador da CSP-Conlutas aponta que é neste processo de internacionalização da luta classista que a Central tem buscado atuar. “Sem querer vender nenhuma fórmula mágica. Mas a partir das lutas e resistência, buscamos construir iniciativas de solidariedade e unidade com os setores em luta e principalmente com as novas ou antigas experiências que estão neste processo de retomar um sindicalismo alternativo”, conta.

Este foi um movimento bastante reforçado pela CSP-Conlutas que, no início de maio, logo após o 1º Congresso da Central, organizou uma Reunião Internacional em parceria com a União Sindical Solidaires, da França. O encontro contou com a participação de cerca de 170 trabalhadores e estudantes, representantes de 20 países e das delegações brasileiras.

“As iniciativas de solidariedade e apoio à greve dos estudantes de Quebec, à greve dos mineiros do Estado Espanhol, tendo como ponto alto a vinda de um

JEWELRY/FOTOS





INTERNACIONAL

companheiro mineiro das Astúrias para o Brasil, que participou inclusive de mobilizações do funcionalismo em greve naquele momento. As iniciativas em relação à greve de Murikane, na África do Sul, a presença da companheira Síria com um giro promovendo debates pelo país, foram algumas das atividades nesse sentido”, exemplifica.

Ele aponta que tais ações estão coordenadas com a estratégia da realização do Encontro Internacional do Sindicalismo Alternativo, em Paris, em março de 2013. A expectativa, segundo Travesso, é reunir representações de cerca de 40 países

das Américas, Europa, África e Ásia. “Em geral organizações minoritárias, mas não marginais, que estão, cada uma de sua maneira e de acordo com a realidade de cada país, cumprindo papéis importantes nas principais lutas e resistências. Queremos trocar nossas experiências de luta e de organização, mas acima de tudo avançar em um processo onde possamos buscar construir iniciativas de solidariedade e unidade internacional”, explica.

Para o coordenador da CSP-Conlutas, 2013 promete manter e aprofundar a dinâmica de 2012, com muitos ataques e muita luta e resistência. Travesso vislumbra de

um lado uma situação de dificuldade e crise, mas de outro oportunidades para discutir e reconstruir um projeto de sindicalismo internacionalista, anti-imperialista, democrático, que dialogue e responda integrando os vários temas.

“Da exploração cotidiana, acordos coletivos aos precarizados e desempregados. Das questões ambientais às lutas contra as opressões de gênero, homofóbicas, racistas, xenófobas, etc. Das questões culturais ao combate contra a criminalização. Que 2013 seja um ano onde aprofundemos as lutas e resistências em defesa da humanidade”, deseja.

A juventude e a luta pela Educação na América Latina

“A mobilização mais vasta e radicalizada da juventude, como o demonstra o Chile, é um fator fundamental da situação política latino-americana. A rebelião contra o 'ajuste' da educação tem características internacionais, como testemunham as lutas que ocorrem do Chile até o Canadá, passando pela Colômbia e a Europa. São resultado da privatização do ensino e da enorme carga financeira assumida pelas famílias para custear os estudos. A bancarrota financeira tem colocado em crise este sistema, inclusive nos países ricos. Nos mais pobres leva a ruína dos municípios, que recebem a responsabilidade da educação primária. A crise mundial reforça a asfixia orçamentária na educação pública e o subsídio à capacidade econômica da educação privada. Na América Latina, as grandes mobilizações dos estudantes chilenos colocaram em xeque o conjunto do sistema político.

A retomada em 2012 dos protestos dos estudantes chilenos converteu-se no eixo nacional de mobilização dos oprimidos do



país, colocando em xeque o governo de Piñera. O Chile é o exemplo extremo da destruição da educação pública, pelo estabelecimento dos planos do Banco Mundial, impostos a sangue e fogo por Pinochet. Na Argentina, a juventude revolucionária ocupa um papel dirigente nas maiores universidades, resistindo aos ataques do governo Kirchner, que quer colocar as organizações forjadas através da luta estudantil a serviço do Estado. O julgamento dos responsáveis pelo assassinato do jovem militante do Partido Obrero, Mariano Ferreyra, realizado por um bando para-militar da burocracia sindical, converteu uma reivindicação de

justiça em uma autêntica causa nacional da juventude. No Brasil, a greve universitária contou com a participação massiva dos estudantes por fora das estruturas regimentadas pelo governo. No México, o regresso do PRI ao poder, longe de representar uma recomposição da autoridade de um Estado que se encontra em processo de desintegração crônica, foi precedido pelo surgimento de um grande movimento de juventude, o Yosoy132. O governo de Peña Nieto, pró-imperialista e com uma ampla agenda antipopular, deve enfrentar uma juventude 'indignada' que ocupa as ruas”.

Trcho de análise produzida pelo professor Osvaldo Coggiola



“Vim ao Brasil porque acredito que um centavo do povo trabalhador vale mais do que milhões de dólares do Congresso Americano”.

“As sementes da revolução socialista estão sendo plantadas”, diz ativista síria

Entre os meses de novembro e dezembro, Sara Al Suri esteve no Brasil a convite da CSP-Conlutas. Ela percorreu o país em debates organizados por entidade sociais e movimentos sociais para falar sobre a realidade de sua pátria e discutir a importância da internacionalização da unidade classista. Sara é militante da resistência ao regime da família Assad, no poder há 46 anos, e hoje vive exilada no Líbano, por ter ordem de prisão contra ela em seu próprio país. A vinda dela ao Brasil foi motivada pela busca de apoio junto à classe trabalhadora para a luta do povo sírio, por acreditar no poder e solidariedade dos trabalhadores brasileiros.

Em suas intervenções, Sara ressaltou a necessidade de o governo Dilma romper com o regime de Assad. Para a ativista, é fundamental que o Brasil apóie o povo sírio.

“Infelizmente, o governo brasileiro tem se colocado ao lado de Bashar al-Assad. O Brasil poderia ter uma posição forte e clara contra o regime. As embaixadas deixaram de cumprir suas tarefas administrativas para caçar opositores, fornecendo informações sobre suas famílias. Exigimos o fim das relações diplomáticas do Brasil com a Síria”, disse.

Para entender a história

O movimento começou na Síria há cerca de um ano. Apesar da sangrenta repressão, a população deu início, em 2011, a manifestações pacíficas contra o regime de Assad, exigindo a queda do ditador e liberdade de expressão e de organização. Um dos momentos marcantes desse início foi relatado por Sara.

“Crianças de 11 a 15 anos foram às ruas e escreveram no muro da escola ‘O povo exige a queda do regime’, exatamente o mesmo slogan usado nas manifestações populares da Tunísia e Egito. O regime prendeu essas crianças, arrancou suas unhas, bateu e as baleou. Algumas voltaram irreconhecíveis para seus pais. A lição que o regime quis deixar era de que, se ousassem seguir os mesmos passos dos irmãos na Tunísia e no Egito, se confrontariam com a morte. Foi assim que a revolução começou”.

Vilarejos bombardeados

“A revolução começou de forma pacífica,

muitos imaginavam que assim conseguiríamos derrubar o regime. Mas qualquer um que se manifestava pacificamente enfrentava bombardeios aéreos e terrestres do exército do regime; os primeiros presos da revolução não foram as grandes figuras; prenderam intelectuais que tinham a perspectiva de esquerda, de que eram capazes de dirigir de forma carismática a massa. Eventualmente, depois de seis ou sete meses, os sírios perceberam a impossibilidade de continuar pelas vias pacíficas. Em diferentes áreas, em toda a Síria, as pessoas pegaram em armas. Primeiro, e acima de tudo, para se defender. Mas também para derrubar o regime”.

“O Exército Livre da Síria foi formado por civis e militares, com uma organização muito fraca e com pouca clareza, que tem resistido ao regime. Pela primeira vez tínhamos algo parecido, mas não tão maduro quanto as assembleias de vocês. As pessoas pela primeira vez conseguiam controlar questões relativas aos vilarejos, às cidades,



à logística, à ajuda humanitária, questões militares e até constituir uma legislação e policiamento comunitário, tudo sob controle do povo. E essa era a grande ameaça ao regime, porque o regime e até a oposição diziam que o povo não tinham capacidade de governar a si mesmos. Mas o povo se mostrou muito capaz. Mas o que o regime tem? Tem Migs e aviões que conseguem bombardear os vilarejos até deixá-los no chão, particularmente os vilarejos que conseguem governar a si mesmos”.

Semente socialista

“Vocês viram o grau de agressão e violência usado pelo regime. Os mais importantes intelectuais comunistas e companheiros de luta estão sendo presos e isolados das massas, muitos enfrentando no mínimo 38 anos de prisão. Esta é a opressão que enfrentamos na Síria. Nossas principais bandeiras de luta são pela liberdade de organização. Mas no subconsciente da revolução síria existe uma revolução socialista. As sementes da revolução socialista estão sendo plantadas hoje, ao menos que sejamos derrotados pelo regime e

pela principal entidade contrarrevolucionária, que é os Estados Unidos”.

Mulheres

“Existem hoje duas visões sobre as mulheres orientais. Uma é de que são cobertas, distantes, submissas, que vivem para enaltecer seus maridos. A outra visão é de que há uma vitoriosa revolução feminista. A primeira é estúpida, que desconstrói o papel da mulher. A segunda é extremamente otimista, cor-de-rosa. Hoje as mulheres saem de suas casas para protestar. Quero citar aqui um exemplo. Uma mulher, que durante 40 anos foi agredida pelo marido e era contrária ao regime, pegou suas crianças e foi embora de casa. Os irmãos, que apesar de também serem opositores ao regime, a ameaçaram de morte, caso ela não voltasse para a casa do marido. Ela, então, fugiu para a Turquia”.

Juventude

“A juventude tem um papel central a desempenhar. Somos a geração da revolução. Talvez seja a primeira vez na história do mundo árabe que uma geração não é descrita de forma negativa. A juventude tem feito a velha oposição se sentir envergonhada. Os jovens trabalhadores são os que mais sofreram, com desemprego, com preconceito. Os estudantes, que estavam fugindo do país, estão voltando para integrar o movimento”.

Mídia

Sara apontou que as informações trabalhadas pela mídia Pró-Bashar al-Assad, no Brasil e no mundo, são muitas vezes distorcidas e descoladas da realidade e que buscam negar o movimento que vem ocorrendo na Síria.

“Frequentemente as informações são apresentadas sobre dois espectros: como uma guerra religiosa entre diferentes seto-

res da sociedade e que, o que ocorre hoje na Síria, é resultado da presença de mercenários americanos no país”.

Segundo Sara, a mídia busca também separar o processo vivenciado pelos Sírios da chamada Primavera Árabe e das outras manifestações que vêm ocorrendo pelo mundo, como a mobilização dos estudantes em Quebec e as greves gerais na Europa, como se estes fossem fatos isolados que não fizessem parte de um movimento internacional. “A estratégia da mídia burguesa é tentar negar o caráter internacional da revolução por temor ao internacionalismo”, aponta.

Experiências positivas

A ativista contou que em alguns locais da Síria existem as chamadas zonas livres, que são espaços de autogestão e auto-organização, que estão permitindo uma nova experiência ao povo sírio.

“Estes espaços servem não só para por em xeque a ideia defendida pelo regime de que o povo sírio só pode ser governado de forma violenta e pela coesão, mas também põe em xeque a ideia dos orientalistas europeus, que colocam a necessidade de outras instituições irem para educar o mundo árabe, o que pode ser chamado também da Síndrome do Homem Branco. É por isso que eu considero estes espaços livres importantes e muito simbólicos”, afirma.

Direito à organização

A visita ao Brasil proporcionou uma experiência única para Sara. Entre as atividades de que participou, a ativista esteve presente no ato nacional realizado em Brasília, em 28 de novembro, para denunciar as novas investidas contra os direitos dos trabalhadores como o Acordo Coletivo Especial (ACE) e pedir a anulação da reforma da Previdência, o fim do Fator Previdenciário e rejeitar a implantação da fórmula 85/95. Ela disse ter orgulho da liberdade de organização dos trabalhadores aqui do Brasil.

“É a primeira vez que vejo a classe trabalhadora minimamente articulada. Na Síria, não existe nenhuma forma de organização social. Nem trabalhadores, nem grupos étnicos, ninguém pode expressar suas vontades políticas, por isso fomos às ruas, reivindicar o espaço público como espaço próprio”.

“Vim ao Brasil porque acredito que um centavo do povo trabalhador vale mais do que milhões de dólares do Congresso Americano”.





Boas lutas para 2013!